

# SISTEMAS GLOBALIZADOS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, DESIGUALDADE ESTRUTURAL E COVID-19<sup>309</sup>

Muito obrigado. É um prazer estar aqui, apesar das circunstâncias.

Vamos começar com o status atual da pandemia. Hoje, o mapa global formulado pela equipe da Universidade Johns Hopkins nos mostra dois milhões de casos confirmados de covid-19 em todo o mundo, com 128 mil mortos (Coronavirus Resource Center, 2020).<sup>310</sup> Dados os casos considerados suspeitos em contagens realizadas por alguns países, esse número confirmado de ocorrências provavelmente deve ser cinco ou dez vezes maior (Li *et al.*, 2020; Zhongwei & Zuhong, 2020). Dessa maneira, na pior das hipóteses, cerca de vinte milhões de pessoas foram infectadas até o momento, algumas de forma mais crítica que outras.

**309.** O artigo foi escrito a partir da participação de Rob Wallace em seminário *on-line* do Transnational Institute com Moayyad Bsharat (Palestina), Arie Kurniawaty (Indonésia), Sai Sam (Mianmar) e Paula Gioia (Alemanha, por via de colaboração com o Brasil), realizado em abril de 2020. Os participantes discutiram como o vírus Sars-CoV-2, causador da covid-19, emergiu das mesmas desigualdades estruturais que agora se exacerbam. [N.E.]

**310.** Quando este livro foi enviado à gráfica, em agosto de 2020, o número de casos de covid-19 em todo o mundo havia ascendido a **XXXX**, com **XXXX** mortes, de acordo com mapeamento do Centro de Pesquisa do Coronavírus da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. [N.E.]

No pior dos casos, com a testagem irregular ao redor do mundo e algumas áreas com a capacidade médica próxima ao colapso, é provável que o número de mortes também esteja subestimado.<sup>311</sup>

Mais de um quarto dos casos confirmados estão nos Estados Unidos, com grandes surtos também na Europa e no Oriente Médio. O Sul global já encara a inclinação de sua curva epidemiológica, em um contexto de capacidade de saúde pública comparativamente menor, infraestrutura habitacional deficiente para assegurar um isolamento seguro e uma gama maior de comorbidades subjacentes — ou seja, outras condições de saúde que podem complicar uma infecção por covid-19 (Ndi, 2020; Kapata *et al.*, 2020; Gilbert *et al.*, 2020). Como ocorreu na epidemia de HIV, nas áreas mais pobres do Norte e do Sul do mundo, outros problemas — como o acesso insuficiente à alimentação — podem se mostrar mais prementes daquilo que alguns pacientes têm relatado como uma passageira falta de ar (Zurayk, 2020).

Dito isso, a covid-19 não se parece com nada daquilo a que estamos acostumados. Vemos o surgimento de algumas inversões reveladoras. A Grã-Bretanha está aceitando remessas de máscaras do Vietnã.<sup>312</sup> Cuba enviou médicos à Itália, que é membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar do Ocidente.<sup>313</sup> E o Senegal tem devolvido os resultados dos testes de covid-19 em quatro horas, enquanto nos Estados

**311.** WU, J. *et al.* “74,000 Missing Deaths: Tracking the True Toll of the Coronavirus Outbreak”, *New York Times*, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/04/21/world/coronavirus-missing-deaths.html>.

**312.** “Vietnamese Children Donate 20,000 Face Masks to UK After Saving Up ‘Lucky Money’”, *The Independent*, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/vietnamese-children-donate-face-masks-uk-coronavirus-ppe-shortage-a9483276.html>.

**313.** “Cuba Has Sent 2,000 Doctors and Nurses Overseas to Fight Covid-19”, *The Nation*, 22 mai. 2020. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/world/cuba-doctors-covid-19/>.

Unidos esses resultados, quando os testes estão disponíveis, podem levar até dez dias.<sup>314</sup>

Esses indicadores aparecem durante o que os teóricos dos sistemas mundiais descrevem como uma grande mudança nos ciclos predominantes da acumulação do capital, que, em grande parte, têm estruturado a ordem mundial nos últimos quinhentos anos (Arrighi, 2010 [1994]). A pandemia atua, portanto, como um marcador dessa inversão, ao mesmo tempo que se faz presente de maneira abruptamente chocante.

Os Estados Unidos, no final de seu ciclo de acumulação, transformando capital em dinheiro para os mais ricos — ou seja, saqueando a população —, já não investem (com a exceção do orçamento militar) na infraestrutura do império global. Nesse sentido, o poder estadunidense, até a emergência deste surto, encontrava-se em apuros para conseguir limpar as pandemias promovidas pelo capital mundial.<sup>315</sup>

Os Estados Unidos se encarregaram de manter o sistema global no mesmo caminho de desenvolvimento, apesar da destruição completamente insustentável (e hedionda) da Terra e dos povos imposta por esse caminho. Logo, a interrupção do financiamento da Organização Mundial da Saúde anunciada pelos Estados Unidos não se trata de um exercício de poder imperial.<sup>316</sup> É uma bandeira branca, uma capitulação.

**314.** “Senegal is Reportedly Turning Coronavirus Tests Around ‘Within 4 Hours’ While Americans Might Wait a Week”, *Yahoo News*, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://news.yahoo.com/senegal-reportedly-turning-coronavirus-tests-165224221.html>; “Senegal Pledges a Bed for Every Coronavirus Patient — And Their Contacts, Too”, em *npr*, 17 mai. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/goatsandsoda/2020/05/17/856016429/senegal-pledges-a-bed-for-every-coronavirus-patient-and-their-contacts-too>.

**315.** “Trump’s Pandemic Response Underscores the Crisis in Global Politics”, *Washington Post*, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/04/17/trumps-pandemic-response-underscores-crisis-global-politics/>.

**316.** “Defunding the who Was a Calculated Decision, Not an Impromptu Tweet”, *The Conversation*, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/defunding-the-who-was-a-calculated-decision-not-an-impromptu-tweet-136620>.

Internamente, as falhas dos Estados Unidos em responder ao surto não são apenas tropeços da administração Donald Trump, já que estão sendo programadas há décadas, à medida que bens comuns do setor da saúde pública foram, ao mesmo tempo, negligenciados e vendidos (Waitzkin, 2018). Um país encapsulado por uma epidemiologia individualizada e *just-in-time* — uma contradição absoluta —, com leitos e equipamentos hospitalares insuficientes mesmo em condições normais, é, por definição, incapaz de reunir os recursos necessários para suprimir doenças — tal como exigido por um surto de covid-19.

De fato, muitos dos nova-iorquinos que tiveram negado o acesso a leitos de cuidados intensivos, agora sentados ofegantes em seus sofás, têm mais em comum com um habitante da África Ocidental infectado com ebola, sendo tratado por um sistema de saúde estruturalmente comprometido, do que com outro nova-iorquino rico o suficiente para arcar com um atendimento médico sob demanda (Wallace, R. G. & Wallace, R., 2016). Cerca de dois mil nova-iorquinos foram encontrados mortos em suas casas nos primeiros oito dias de abril.<sup>317</sup>

As áreas rurais dos Estados Unidos também começam a sentir o impacto da pandemia.<sup>318</sup> O condado de Louisa, no estado de Iowa, sede de uma fábrica de processamento de carnes da empresa Tyson, em cujas instalações a covid-19 se disseminou, abriga mais casos *per capita* do que o estado de Nova York.<sup>319</sup> O condado, lar de onze mil pessoas, não tem hospitais nem médicos locais. Se quiser ir até lá, leve sua cópia do manual *Where There is No Doctor* [Onde não há médicos].

**317.** “How Many People Have Actually Died from Coronavirus in New York?”, *New York Times*, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/10/nyregion/new-york-coronavirus-death-count.html>.

**318.** “Covid-19’s Deadly New Surge is in Rural America as States Re-Open”, *Washington Post*, 24 mai. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/nation/2020/05/24/coronavirus-rural-america-outbreaks/?arc404=true>

**319.** “Louisa County Covid-19 Rate Now Worse than New York State”, *Iowa Starting Line*, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://iowastartingline.com/2020/04/13/louisa-county-covid-19-rate-now-worse-than-new-york-state/>.

A China, por outro lado, está na dianteira do seu ciclo de acumulação (Arrighi, 2007). Investiu na construção da infraestrutura — e isso inclui a saúde pública universal — necessária para transformar dinheiro em capital (e poder imperial). Essa transição (dos Estados Unidos para a China) não justifica os problemas de saúde pública da China nem a absolve deles — como a produção das condições para o surgimento da covid-19, conforme veremos adiante (Gulick, 2011). Mas devemos observar que o estímulo estrutural na China é diferente. Em um primeiro momento, o país foi capaz de erradicar a covid-19 de Hubei, província de origem, com o envio de quarenta mil profissionais de saúde de outras províncias, testagens abrangentes e rastreamento de contatos.<sup>320</sup> Além disso, a China doou milhões de dólares aos seus parceiros comerciais na África para o combate à covid-19.<sup>321</sup>



Para além do contraste entre os dois gigantes, vale a pena comentar a razão pela qual alguns países escaparam das piores consequências do surto. Aqui há uma questão de geografia. Quão perto se está de um epicentro? A América do Sul e a África entraram tarde na jogada devido a sua distância geográfica da China. Mas mesmo países vizinhos escaparam do pior. Pode ajudar se o governo preparar o país durante os alertas iniciais e se vir os bens comuns como responsabilidade de sua governança. Que conceito!

**320.** “China Took at Least 12 Strict Measures to Control the Coronavirus. They Could Work for the U. S., but Would Likely be Impossible to Implement”, *Business Insider*, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/chinas-coronavirus-quarantines-other-countries-arent-ready-2020-3>.

**321.** “China in Africa is More than a Land Grab: Beijing is After Political Influence, and its Coronavirus Aid Will Count for Much”, *Bloomberg*, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-04-27/china-s-coronavirus-aid-to-africa-will-build-political-support>.

Taiwan, por exemplo, testa as pessoas no aeroporto em busca de covid-19, desinfecta as bagagens, leva cada pessoa separadamente a seu destino em um táxi fornecido pelo governo e oferece a cada uma, na chegada, um aplicativo de telefone que informa onde pode comprar máscaras na área em que estará, e outro aplicativo, meio assustador, que lista infecções locais e históricos de casos (Wang, Ng & Brook, 2020).

A Islândia tem levado muito a sério a testagem de sua população e isola os casos positivos.<sup>322</sup> Usa detetives para rastrear infecções por contato. Os que tiveram contato com um caso também são isolados, de modo que, se alguma dessas pessoas estiver infectada, ela já estará submetida à quarentena. O resto do país segue com sua vida, caminhando livre do lado de fora, sem máscaras.

O Vietnã fornece assistência médica abrangente a quase toda a sua população e, ao contrário, digamos, do condado de Louisa, em Iowa, tem médicos e enfermeiros em todas as comunidades.<sup>323</sup> Juntamente com os protocolos típicos de fronteira, assim como faz a China, se um caso for detectado, edifícios inteiros são postos em quarentena, mas todos podem receber três refeições ao dia por uma pequena taxa. Os prédios residenciais têm estações de desinfecção para o corpo inteiro em todas as entradas.<sup>324</sup> Hotéis vazios vêm sendo usados como estações de quarentena com atendimento médico. Todo mundo usa máscaras. E, ao contrário dos Estados Unidos, onde o governo federal desencadeou uma guerra

**322.** “Iceland Employs Detective Work, Testing and Quarantine in Coronavirus Fight”, *NBC News*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/world/iceland-employs-detective-work-testing-quarantine-coronavirus-fight-n1170166>.

**323.** “Containing the Coronavirus (Covid-19): Lessons from Vietnam”, *World Bank Blogs*, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/health/containing-coronavirus-covid-19-lessons-vietnam>.

**324.** “Covid-19 Innovation: Vietnam’s Mobile Chambers Allow Disinfection in One Go”, *VN Express*, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://e.vnexpress.net/news/news/covid-19-innovation-vietnam-s-mobile-chambers-allow-disinfection-in-one-go-4069276.html>.

comercial no mercado negro para a compra de respiradores, há poucos ou nenhum relato no Vietnã sobre manipulação de preços, consumidores em pânico ou acumuladores compulsivos.<sup>325</sup>

Ou seja, *todos os países* passarão por um momento difícil, com a economia global já se projetando rumo à recessão antes mesmo do início do surto.<sup>326</sup> Doenças e déficits estão interagindo. Os países mais afetados pela pandemia estarão mais afundados no buraco fiscal quando as consequências econômicas chegarem pra valer. Em um esforço para conciliar o surto e a economia, nos deparamos com o sombrio cálculo do capital tentando empurrar as duas crises, de sua própria criação, para as populações indígenas e os trabalhadores mais pobres do mundo. O Brasil, sob o governo de Jair Bolsonaro, mesmo antes dos incêndios na Amazônia,<sup>327</sup> é o primeiro que me vem à mente (Diele-Viegas & Rocha, 2020). Mas, nos Estados Unidos, as coisas não são tão diferentes: o governo propôs reduzir os já criminosos salários dos trabalhadores rurais imigrantes para proporcionar um “alívio” às empresas agrícolas.<sup>328</sup>

■

A nossa série de ciclos de acumulação — os saqueios dos Estados Unidos e a escalada da China — impactou as próprias origens da covid-19. Nos últimos quarenta anos, a China optou por mudanças

**325.** “Vietnam: An Outlier in the Coronavirus Epidemic and HE?”, *University World News*, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200313063615630>.

**326.** “It Was the Virus that Did It”, *Michael Roberts Blog*, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://thenextrecession.wordpress.com/2020/03/15/it-was-the-virus-that-did-it/>.

**327.** “As Bolsonaro Keeps Amazon Vows, Brazil’s Indigenous Fear ‘Ethnocide’”, *New York Times*, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/19/world/americas/bolsonaro-brazil-amazon-indigenous.html>.

**328.** “White House Seeks to Lower Farmworker Pay to Help Agriculture Industry”, em *NPR News*, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2020/04/10/832076074/white-house-seeks-to-lower-farmworker-pay-to-help-agriculture-industry>.

maciças no uso do solo e na migração para alimentar e remunerar internamente a sua população (Wallace, R. G. *et al.*, 2010). Tais mudanças tiveram um impacto considerável ao desassociar (e reassociar) as ecologias tradicionais em novas configurações, com impactos profundos sobre a economia e a epidemiologia. Nos deparamos com a liberalização pós-econômica e com o surgimento de várias cepas de novas influências, entre elas a H5N1, a H6N1, a H7N9 e a H9N2, bem como o Sars-CoV-1 e, mais recentemente, uma explosão de febre suína africana que matou metade dos porcos da China em 2019 (Liu, Cao & Zhu, 2014; Vergne *et al.*, 2017).

As origens locais da covid-19 ainda são alvo de controvérsias, mas a genética do vírus Sars-CoV-2 mostra que ele é um rearranjo de um coronavírus de morcego com uma cepa de pangolim que posteriormente sintonizou-se com o sistema imunológico humano, durante ou pouco antes do surto de Wuhan (Andersen *et al.*, 2020; Xiao *et al.*, 2020). Todavia, a agricultura claramente tinha um papel a cumprir nesse processo, ainda que o mercado central de Wuhan não o tivesse. De alguma forma, o vírus foi retirado de um dos muitos coronavírus circulantes em uma variedade de espécies de morcegos na China central em direção a Wuhan (Wu *et al.*, 2016). Alegar que a agricultura não teve nenhum impacto — como a China tem esboçado em sua posição oficial, ou, ainda mais absurdo, que o vírus nem mesmo se originou na China — pode colocar aqueles que preferem negar o papel do agronegócio nisso tudo em uma posição bastante frágil.<sup>329</sup> Como explicar a mudança de morcegos para pangolins e, talvez, para outras espécies intermediárias, como do porco para o homem, sem fazer menção à agropecuária (ou à extração de madeira ou à mineração)? A assinatura genética do vírus não aponta para um acidente de laboratório (Andersen *et al.*, 2020).

Muito provavelmente, um circuito regional de produção em expansão manobrou o setor de alimentos silvestres, cada vez mais

**329.** “South Korea Tops China for First Time”, *South China Morning Post*, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/society/article/3052577/coronavirus-south-korea-infections-could-exceed-china-which>.



formalizado, e a produção industrial de animais em direção ao interior do país, onde ambos os setores encontraram reservatórios de morcegos (Field, 2009; Afelt, Frutos e Devaux., 2018; Wallace *et al.*, 2020; Wallace, R. G., 2020).<sup>330</sup> Círculos periurbanos de extensão e densidade populacional crescentes podem aumentar a interface (e o transbordamento) entre populações de animais selvagens e humanos das áreas rurais recentemente urbanizadas. Essas novas geografias também reduzem o tipo de complexidade ambiental com a qual as florestas podem interromper a transmissão de vírus mortais — aquele papel que gostaríamos de ver as florestas desempenhando (Wallace, R. *et al.*, 2018).

Esse circuito regional de produção — das florestas periurbanas para as cidades, provável origem da covid-19 — se reproduz no mundo inteiro (Wallace, R. *et al.*, 2020). Tal quadro nos dá uma estrutura mais ampla para analisar surtos em quase todos os lugares, não apenas na China. Sars-CoV-1 e Sars-CoV-2, ebola, zika, febre amarela, peste suína africana, gripes aviária e suína, vírus Nipah, febre Q, entre outros, assim como historicamente o HIV, todos se originaram ou reemergiram em algum lugar ao longo desses circuitos de produção em expansão. Seja na floresta, seja ao redor do novo contínuo periurbano, seja em fazendas industriais, seja em fábricas de processamento próximas das cidades ou dentro delas. Muitas dessas novas ecologias são produtos da imposição imperialista ou neoliberal (Wallace, R. G. & Wallace, R. 2016). Claramente, doenças infecciosas não dizem respeito apenas ao próprio vírus, mas também ao contexto do qual emergem (Wallace, R. G. 2016).

Olhando para o futuro, descobrimos que os coronavírus são apenas alguns dos muitos patógenos que se desenvolveram em tal contexto agroeconômico. O que sofremos hoje já está em

**330.** “Deforestation and Monoculture Farming Spread Covid-19 and Other Diseases”, *TruthOut*, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://truthout.org/articles/deforestation-and-monoculture-farming-spread-covid-19-and-other-diseases/>.

movimento em algum outro lugar. Em diversos lugares. Como furacões virais se alinhando ao longo do Oceano Atlântico.



O que fazer, então? Como um incentivo para nossa conversa hoje, abordarei algumas possibilidades, mesmo que apenas sob a forma de perguntas retóricas.

Estamos preparados para reconstruir as economias das cidades a fim de permitir aos agricultores e pescadores de todo o mundo a autonomia necessária para obter insumos locais sem destruir a natureza (IPES-Food, 2016; IPES-Food, 2018; Chappell, 2018; Arias, Jonas e Munksgaard, 2019; Vivero-Pol *et al.*, 2019; Giraldo, 2019)? Podemos aprender com os povos indígenas como tratar uma paisagem tanto em relação ao seu *éthos* quanto como fonte de alimento (Suárez-Torres *et al.*, 2017; Pascoe, 2018; Figueroa-Helland, Thomas & Aguilera, 2018)?

Por fim, abandonaremos as ideologias coloniais? Nos reintroduziremos em ciclos de regeneração da Terra (Mandel, 1970; Foster, 2018; Wallace, R. G. *et al. apud* Monk & Sorkin, no prelo)? Redescobriremos nosso senso de individualização — quem somos nós — em grupos de pessoas para além do que o capital e o Estado nos oferecem (Virno, 2004; Federici, 2018), como estamos fazendo nesta conversa?

Estamos preparados para lutar e recuperar paisagens rurais e florestais e recursos hídricos locais que o agronegócio transformou em zonas de sacrifício para o capital global (Oliveira & Hecht, 2016; Edelman, 2019)? Pretendemos derrotar o agronegócio como um modo de produção e oponente político, com seu *lobby* nos governos e suas campanhas de extermínio de ativistas ao longo das fronteiras neoliberais da floresta (Wallace, R. G. *et al.*, no prelo)?

Acredito que esses são os incêndios que deveremos enfrentar se quisermos adotar as estratégias agora tornadas óbvias para a prevenção de pandemias.

Entre tais estratégias, precisamos proteger a complexidade da floresta, que evita que patógenos mortais alinhem criações de animais e hospedeiros humanos para receber o tiro único da rede

global de viagens (Wallace, R. *et al.*, 2018). Precisamos reintroduzir a diversidade de animais e lavouras, assim como reintegrar rebanhos e culturas agrícolas em escalas capazes de evitar a alta mortalidade dos patógenos (Wallace, R. G. *et al. apud* Fall *et al.*, no prelo). Devemos permitir que nossos animais se reproduzam no local, reiniciando o processo de seleção natural que permite à evolução imunológica rastrear patógenos em tempo real.

Em resumo, devemos adotar muitas das práticas cotidianas de povos indígenas e pequenos agricultores (Kremen, Iles & Bacon, 2012; Magne *et al. et al.*, 2019). É possível redimensioná-las para as necessidades específicas das pessoas e dos locais? É possível, parafraseando os zapatistas, criarmos *un mundo donde quepan muchos mundos* (EZLN-CCRI, 2005; Ortega & Zañartu Toloza, 2017), ou seja, um mundo onde caibam muitos mundos?

**25 mai. 2020**